

Universidades

www.jornaleconomico.pt

Boletim de informação académica



Foto Cédida

APRENDIZAGEM

Católica-Lisbon ensina os segredos das empresas familiares em disciplina comum aos quatro cursos

Mastering Family Businesses é uma cadeira optativa, transversal aos quatro programas de licenciatura dedicada à gestão dos negócios familiares.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

As empresas familiares são, na maior parte dos casos, a força de um país. Em Portugal representam cerca de 75% do tecido empresarial. Todavia, a informação é sempre passada de forma informal e se e quando algo não corre bem, o segredo do avô pode perder-se. Aí entra a nova disciplina da Católica Lisbon School of Business & Economics, que permite aos alunos compreender o fundamental sobre este ambiente empresarial.

“Mastering Family Businesses vem realçar a importância dos negócios familiares no tecido empresarial português, formando os jovens alunos, que serão os gestores de amanhã, para as características específicas da gestão de negócios familiares”, explica Lílina Dinis, responsável pela disciplina ao JE Universidades.

A disciplina semestral, com três

horas de carga semanal, é oferecida durante os dois semestres anuais. Faz parte do portfólio de disciplinas optativas nos programas de licenciatura da CATÓLICA-LISBON por hábito lecionadas no último ano. “Os programas estão desenhados de forma a permitir aos alunos no seu 3.º ano de licenciatura obterem o máximo de experiência em assuntos empresariais e económicos, tendo em atenção as necessidades do mercado empresarial”, justifica Lílina Dinis.

As aulas são essencialmente práticas, com a apresentação de casos de empresas portuguesas como Vista Alegre, CUF, Delta, Sogrape ou grandes conglomerados como da Hermés, Henkel, Ford, El Corte Inglés e Zara. Um painel de convidados de renome é chamado a prestar testemunho sobre a realidade e os desafios das empresas familiares. Rui Miguel Nabeiro, CEO do Grupo Nabeiro-Delta Cafés, Alexandre Dias da Cunha, consultor na Cambridge Advisory

Group e Lílina Tarré, administradora da Gelpeixe figuram entre eles.

A realidade portuguesa das empresas familiares estende-se ao resto da Europa, onde se verificam proporções desde 65% no Reino Unido a 85% na Espanha, Áustria e Finlândia, mas também ao outro lado do Atlântico, onde 37% do “Fortune 500” são empresas familiares. “O que torna este tipo de organização muito especial e diferente das restantes — explica Lílina Dinis — são características

Em Portugal, as empresas familiares representam cerca de 75% do tecido empresarial, um pouco mais do que no Reino Unido e abaixo da Espanha ou da Áustria

como o vínculo emocional criado entre a família e a comunidade local que se estende ao longo de décadas e gerações. Compreender este vínculo é conseguir uma ferramenta poderosa e distinta, impossível de reproduzir, que confere à organização um recurso raro e inimitável, contribuindo assim para uma vantagem competitiva face aos seus concorrentes”.

No esforço de atualização e de abordagem de temas relevantes, a CATÓLICA-LISBON introduziu, nos últimos anos, várias disciplinas que permitem a obtenção de skills diferenciadores e aumentar a sua diferenciação do aluno quando este chega ao mercado de trabalho. Disciplinas de Applied Data Science ou Artificial Intelligence refletem o esforço em dotar os alunos de skills analíticos atuais, enquanto disciplinas relacionadas com Responsabilidade Social ou Sustentabilidade refletem o esforço de abordar temas da maior importância empresarial nos tempos atuais. ■

OPINIÃO

Pedro Saraiva, Diretor da NOVA IMS, analisa a importância e valorização dos dados ■ P2

ENSINO SUPERIOR

Privados querem fim do tecto de 30% de alunos estrangeiros

António Almeida-Dias, presidente da APESP, pede à ministra Elvira Fortunato para acabar com o limite no número de estudantes de fora no ensino superior particular. ■ P3

TAGUSPARK

Técnico torna-se palco mundial da ciência e tecnologia espacial até agosto



Rogério Colaço
Presidente do Instituto Superior Técnico

Pela primeira vez uma Escola portuguesa recebe o Programa de Estudos Espaciais da International Space University. O Técnico vai receber a elite mundial do sector. ■ P4

INVESTIMENTO

Residência universitária de 3,6 milhões nasce em Benfica ■ P5

CIÊNCIA

Tecnologia do INESC TEC vai monitorizar doentes com Parkinson ■ P6

OPINIÃO

“From Data to Value!”

Pedro Saraiva
Diretor da NOVA IMS

O mundo em que vivemos é incontestavelmente um mundo cada vez mais alicerçado em enormes volumes de dados com natureza muito diversificada. Estima-se que a quantidade de dados atualmente gerada a nível global e em cada segundo que passa equivale ao volume de espaço de memória disponível num milhão de computadores portáteis!

Assim sendo, como um número crescente de sociedades e organizações já reconhece, a criação de valor encontra-se cada vez mais dependente da capacidade de gerar, recolher e trabalhar estes imensos lagos de dados, com isso ajudando a tomar melhores decisões, aplicando nomeadamente metodologias estatísticas, analíticas e de inteligência artificial.

É justamente este o mundo fascinante a que a NOVA IMS (Information Management School) se dedica há mais de 30 anos, enquanto Faculdade de Gestão da Informação e Ciência de Dados da Universidade Nova de Lisboa. Centrada no seu desígnio estratégico (“From Data to Value”), a NOVA IMS assume-se enquanto parceiro da transformação digital, do reforço da competitividade e da geração de valor nos mais variados sectores económicos e da administração pública.

Procura fazê-lo através do ensino de excelência praticado em ambiente marcadamente internacional (mais de 3000 alunos de 80 nacionalidades diferentes), reconhecido enquanto tal por entidades acreditadoras e rankings (três cursos no top 3 mundial), e que cobre um leque alargado de ofertas formativas (três licenciaturas, nove mestrados, 20 cursos de pós-graduação e um doutoramento). Todas elas apresentam os mais elevados níveis de empregabilidade, com múltiplas saídas profissionais, devidamente remuneradas e alinhadas com

as aprendizagens feitas na NOVA IMS. Como exemplo do orgulho que temos nos nossos alunos e suas qualidades, é de referir que ainda esta semana um aluno prestes a terminar um dos nossos mestrados foi muito justamente reconhecido como o grande vencedor da 18ª edição do conceituado Prémio Primus Inter Pares, promovido pelo Banco Santander e o jornal Expresso!

Mas igualmente através dos cerca de 100 projetos de investigação, inovação e capacitação desenvolvidos em parceria com um amplo conjunto de organizações, nacionais e internacionais, com indicadores invejáveis de produtividade científica, alcançados também por via das dinâmicas geradas pelo seu centro de investigação (MagIC) ou através da nossa rede de sete laboratórios (NOVA ANALYTICS LABS).

Independentemente da dimensão ou natureza de cada entidade, na NOVA IMS estamos devidamente capacitados para ajudar a criar lideranças de transformação digital e de portas abertas para consigo criar valor a partir de dados, no mais variado tipo de situações e organizações, incluindo formas de fazer face aos brutais desafios societais com que todos nos vemos confrontados.

Por analogia com o conceito já consagrado de “Empresa Gazela” a NOVA IMS tem no seu DNA a agilidade daquilo que gostamos de apelar como sendo uma “Faculdade Gazela”, com ritmos de evolução anual sustentada situados acima dos 10% em múltiplos indicadores.

Sintomático disso mesmo é o progresso registado ao longo do meu mandato enquanto Diretor, ao longo dos últimos quatro anos, com evoluções muito significativas em diferentes KPI, como o número de alunos (que subiu de cerca de 2000 em 2017 para perto de 3000 no ano de 2021).

A NOVA IMS procura assim alcançar sempre mais e melhor, em parceria com quem nos visita e coloca desafios. Tudo aqui fazemos e faremos para que a nossa contagiante paixão pelo valorização dos dados ajude a tornar qualquer interação com a NOVA IMS em algo simultaneamente Inesquecível, Marcante e Sensacional! ■



ENSINO SUPERIOR

Privados querem fim do teto de 30% de alunos estrangeiros

António Almeida-Dias, presidente da APESP, pede à ministra Elvira Fortunato para acabar com o limite no número de estudantes de fora que podem frequentar o ensino superior particular.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

António Almeida-Dias considera errado o Estado impor limites ao número de estudantes estrangeiros que os particulares podem receber. Ao JE Universidades, o presidente da Associação Portuguesa de Ensino Superior Privado (APESP) pede

o seguinte exercício: “Imagine-se que em qualquer outra actividade económica o Governo procedia também a este limite. Por exemplo, uma empresa não poder exportar mais de 30% da sua capacidade produtiva para o estrangeiro, ou uma outra empresa portuguesa só lhe permitirem que 30% dos seus clientes sejam internacionais. Não faz qualquer sentido”.

Expliquemo-nos. Em Portugal, o número de estudantes estrangeiros que uma instituição particular pode receber está estabelecido. A última fixação do limite de 30% de estudantes internacionais foi feita a 10 de junho de 2021, através do despacho 6422/2021 assinado pelo antigo ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor.



Manuel de Almeida/Lusa

Na primeira reunião que manteve com a nova ministra Elvira Fortunato, António Almeida-Dias, também recentemente eleito presidente da APESP, pôs o tema em cima da mesa e pediu a Elvira Fortunato que ponha fim à quota de alunos estrangeiros. Mais tarde, reafirmou o pedido em carta enviada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

“Consideramos que o fim desta quota é indispensável para reforçar a qualidade e competitividade do ensino superior português”, afirma António Almeida-Dias ao JE Universidades.

“Há anos — explica — que tentamos sensibilizar os responsáveis com a tutela do ensino superior para a urgência em acabar com este constrangimento: ela afeta, não só o desempenho e impacto das atividades de internacionalização do ensino superior português num contexto multidisciplinar, como também a própria economia do país e a sua diversidade social e cultural”.

O responsável pelos estabelecimentos particulares diz ainda que a restrição imposta pelo Estado contraria frontalmente as recomendações que a OCDE fez nos últimos dois anos sobre o ensino superior português e lembra que estes estudos estiveram na base da criação do estatuto do estudante internacional.

“Foi isso mesmo que tivemos oportunidade de transmitir à atual

ministra Elvira Fortunato na reunião em que nos recebeu. E, mais recentemente, voltámos a reiterá-lo na carta enviada para o Ministério”, salienta.

Ao Estado cabe fiscalizar

Em Portugal compete à agência de avaliação e acreditação do ensino superior A3ES autorizar os cursos e avaliar em permanência a qualidade do ensino ministrado nas instituições. É isto que, segundo os privados, o Estado deve limitar-se a fazer. “O papel do Estado deve passar apenas por garantir a fiscalização da qualidade do ensino que é prestado nas universidades e nas escolas politécnicas do sector particular, social e cooperativo, avaliando se estas cumprem as condições previstas na lei”, afirma António Almeida-Dias.

E acrescenta: “Não faz sentido extravasar essas competências, limitando a autonomia das instituições, a qual está protegida constitucionalmente pelo princípio das liberdades fundamentais de aprender e de ensino”.

A premissa dos privados é a seguinte: As universidades e as escolas politécnicas privadas têm projetos educativos próprios e são financiadas diretamente pelas propinas pagas pelos alunos, sendo que os gastos dos estudantes oriundos de outros países contam como exportações, em nada pesando as contas do Estado. Mas mais, dizem: “os estudantes estrangeiros

que vierem estudar para o nosso país irão não só enriquecer a sociedade portuguesa como, também, vão animar a economia e criar emprego altamente qualificado, que é exatamente aquilo que Portugal precisa”.

Na perspetiva dos particulares, o limite de 30% imposto no número de estudantes internacionais que podem receber é um entrave ao crescimento do sector, compromete a sua sustentabilidade e ameaça o futuro, que já de si não se afigura risonho.

“As projeções demográficas sobre Portugal são preocupantes e indicam que, nas próximas décadas, não existirão alunos suficientes para todas as instituições de ensino superior do país. Como tal, não será possível preencher as vagas de estudantes recorrendo exclusivamente aos jovens portugueses”, justifica o presidente da APESP.

Para o futuro, António Almeida-Dias defende o mesmo que outros decisores públicos têm vindo a defender nos últimos anos, com destaque para o anterior secretário de Estado do Ensino Superior, Sobrinho Teixeira: um Portugal exportador na área do ensino superior. O exemplo apontado é a Austrália, um país-continente com uma economia poderosa na qual a educação é a terceira maior exportação, apenas superada pelo minério de ferro e pelo carvão. Mais de meio milhão de estudantes internacionais matriculados em 2019, antes da pandemia da Covid-19, rendiam à Austrália 22 mil milhões de dólares.

“Em Portugal essa receita chegaria para pagar todos os anos o Serviço Nacional de Saúde e os ensinos básico, secundário e superior públicos juntos”, conclui a Associação Portuguesa de Ensino Superior Privado.

Os privados querem mesmo ter uma palavra a dizer nesse Portugal Exportador, mas, afirmam, que tal não se compadece com a existência do limite atual dos 30% estabelecido por Manuel Heitor. ■

Ex-presidente da APESP lidera associação europeia de ensino superior

João Redondo, que até recentemente liderou a Associação Portuguesa de Ensino Superior Privado (APESP) é o novo presidente da Aliança das Instituições de Ensino Superior Não Estatais na Europa (EUPHE), em representação da associação nacional. Esta rede europeia representa cerca de 700 instituições universitárias e politécnicas particulares e cooperativas, nas quais estudam cerca de 1,5 milhões de estudantes em países como França, Alemanha, Espanha, Áustria, Irlanda, Polónia, Eslovénia e Portugal. A EUPHE afirmou-se, nos últimos anos, uma importante rede de intercâmbio entre centros de investigação de universidades privadas, aproximando as áreas científicas em que cada instituição trabalha.

OPINIÃO

A simbiose universidades-organizações



Nuno Filipe
Gestor de Relações Corporativas -
Careers @ Nova SBE

A cooperação entre as universidades e a indústria é cada vez mais reconhecida como um veículo de melhoria para a inovação através da partilha de conhecimentos.

O envolvimento empresarial oferece a uma instituição académica uma paleta de oportunidades únicas para promover a sua missão, que tipicamente inclui investigação, ensino, e desenvolvimento económico. Embora os objetivos das universidades e das empresas possam ter diferenças inerentes, os seus interesses podem (e devem) alinhar-se produtivamente.

Numa altura em que a pandemia global forçou muitas empresas e universidades a adaptarem-se de um dia para o outro à aprendizagem online e ao trabalho remoto, existe a oportunidade sem precedentes de reforçar a ligação entre o ensino superior e as empresas. Estas últimas, indubitavelmente, começam a reconhecer que para atrair os melhores e mais brilhantes talentos, têm de criar organizações orientadas para objetivos alinhados com valores como o trabalho remoto e assíncrono, a utilidade social, e o impacto ambiental. Da mesma forma, as universidades veem o seu papel estender-se para além do ensino e da investigação pura, assumindo desafios sociais, quebrando barreiras digitais e contribuindo para o crescimento económico.

Como resultado, as parcerias de sucesso universidade-organização tornam-se um elemento fundamental no currículo formativo de qualquer aluno. Da perspetiva de uma organização, este tipo de oferta de desenvolvimento profissional pode ajudar a alcançar objetivos relacionados com a retenção de talento, envolvimento dos colabora-

dores, desenvolvimento profissional contínuo, reputação da empresa, e enriquecimento da comunidade. As escolas beneficiam atraindo novos estudantes, motivados pelas oportunidades de carreira durante a oferta formativa que podem incluir estágios remotos, eventos corporativos online, feiras de carreiras e recrutamento virtuais, empregabilidade assegurada aliada à boa reputação, e cooperação entre a instituição de ensino e a indústria.

Este novo desenvolvimento acrescenta mais uma razão para as empresas e universidades trabalharem em conjunto de forma estratégica e inovadora, desbloqueando um novo nível de inovação em benefício dos funcionários, estudantes, parceiros e da sociedade no seu conjunto: ligações mais fortes entre a educação e as empresas criam ligações mais fortes entre estudantes e empregadores.

A rápida adaptação ao paradigma remoto por parte do ensino e da indústria, abriu fronteiras para uma nova exploração do sistema educativo, formativo, e de recrutamento permitindo aos estudantes acesso a empresas e empregadores que de outro modo, estariam restritos por limitações geográficas e/ou económicas. Para além de competências melhores e mais relevantes, os estudantes beneficiam de maiores oportunidades de networking com potenciais empregadores, percursos mais claros para o emprego, e melhor perceção das carreiras do futuro.

Quer nos encontremos do lado empresarial ou do lado do ensino, as parcerias devem ser claras e mutuamente benéficas, centradas no objetivo de inspirar alunos como futuros profissionais a transformarem a sua paixão, talento, e capacidades em carreiras de sucesso e vidas gratificantes.

Acreditar que todos os indivíduos devem ser habilitados a escolher uma carreira significativa e um caminho de educação para se posicionarem para o sucesso ao longo da vida. A escolha de uma carreira nunca deve ser deixada ao acaso ou à sorte. Idealmente, é um processo recorrente de tomada de decisões informadas. ■



FORMAÇÃO ESPECIALIZADA

Técnico torna-se palco da ciência e tecnologia espacial até agosto

Pela primeira vez uma instituição de ensino superior portuguesa recebe o Programa de Estudos Espaciais da International Space University. Pelo campus do Taguspark vão passar mais de 250 líderes mundiais, incluindo astronautas, presidentes de empresas e investigadores do espaço.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

A ciência e o cidadão comum têm encontro marcado em Talaíde a 23 de julho. Nesse dia, pelas 10 horas, nesta povoação das imediações do Taguspark, em Oeiras, haverá um lançamento de “rockets” aberto ao público. É a possibilidade de ver com os próprios olhos aquilo de que se ouve falar todos os dias na televisão. O acontecimento singular, sobretudo para os jovens que sonham um dia tornar-se cientistas, é um dos muitos momentos extraordinários que integram o

plano de estudos do Space Studies Program, SSP22 (Programa de Estudos Espaciais de 2022), promovido pela International Space University (ISU), no campus do Taguspark do Instituto Superior Técnico.

O curso arrancou no passado dia 1 de julho e traz a Portugal mais de 250 líderes mundiais de 30 países, incluindo astronautas, presidentes de grandes empresas, investigadores e especialistas da Agência Espacial Europeia (ESA), da NASA e de outras agências, de 37 países, incluindo nove portugueses, para nove semanas de formação.

O programa de estudos da Inter-

O plano de estudos inclui 50 master classes, 200 seminários interativos, palestras com especialistas nacionais e internacionais, e visitas a centros de investigação

national Space University é uma experiência pensada para estudantes pós-graduados e profissionais das mais variadas disciplinas.

Ministrado pelos maiores peritos mundiais em Ciências Espaciais, a formação junta disciplinas tradicionais, como engenharia e ciências, à política espacial, direito, economia, humanidades e artes ligadas ao espaço.

O plano de estudos inclui 50 master classes, 200 seminários interativos, palestras com especialistas nacionais e internacionais, e visitas profissionais a empresas, institutos de investigação e universidades portuguesas: IST

Satellite Communications Lab do Técnico, o Instituto Gulbenkian Ciência, a Fundação Champalimaud, o Observatório Astronómico Lisboa, ou o MAAT, entre outros.

Os participantes do SSP22 serão chamados a desenvolver trabalhos que explorem uma das três linhas estratégicas: as oportunidades entre os setor espacial e não-espacial, as interações Espaço-Oceano-Clima e a utilização da microgravidade para desenvolvimento de novos negócios e para a Investigação e Desenvolvimento.

A ciência desce ao público

À semelhança do lançamento de “rockets” em Talaíde, existem outras iniciativas associadas ao programa, visando aproximar o cidadão da ciência do espaço. São de entrada livre, mas de registo obrigatório. Decorrem em língua inglesa.

Exemplo. Dia 18 de julho, pelas 20h30, no Auditório A1 no campus do Técnico, o debate centrar-se-á em torno da divulgação das primeiras imagens do Telescópio Espacial James Webb e tem como protagonista o astrofísico L. Y. Aaron Yung, do NASA's Goddard Space Flight Center.

Para espicaçar o espírito do mais curioso levantamos um pouco o véu do tema. Os telescópios no Espaço têm sido parte integrante da jornada do homem para explorar o vasto Universo e sobre o Telescópio Espacial James Webb, o mais



Foto Cedida

Rostos portugueses pontificam entre os professores do programa



Zita Martins
Lidera Laboratório de Astrobiologia IST

Professora Associada no Técnico, Zita Martins foi a primeira pessoa nascida em Portugal a tirar um doutoramento em Astrobiologia. Desde então (ano de 2007), mais portugueses já realizaram mestrados e doutoramentos em Astrobiologia, tanto em Portugal como no estrangeiro. “A massa crítica tem vindo a crescer”, afirma ao JE Universidades. De realçar que o Técnico tem o primeiro laboratório de Astrobiologia do país. Zita Martins lidera este laboratório, e é também docente da Unidade Curricular de Astrobiologia, que tem tido uma enorme procura por alunos nacionais e internacionais. Licenciou-se em Química no IST em 2002, e obteve o doutoramento em Astrobiologia na Universidade de Leiden. Foi cientista convidada na NASA Goddard em 2005 e 2006, e professora convidada na Universidade de Nice-Sophia Antipolis, em França. Participa em projetos e missões espaciais: Hayabusa2, Comet Interceptor, ARIEL, OREOcubo e EXOcubo. É comunicadora de Ciência.



Rodrigo Ventura
Professor no Técnico e investigador no Instituto de Sistemas e Robótica

Professor no Departamento de Engenharia Electrotécnica e de Computadores do Técnico, Rodrigo Ventura leciona na área de sistemas de decisão e controlo, sendo responsável pelo “minor” em Ciências e Tecnologias do Espaço. Membro do Instituto de Sistemas e Robótica (ISR-Lisboa), desenvolve atividade de investigação na área da robótica espacial e inteligência artificial, incluindo a colaboração com o MIT e a NASA na realização de investigação na área da robótica móvel em microgravidade usando robôs na Estação Espacial Internacional.

bilheteira de 1968.

No dia anterior, os temas do espaço tomaram conta do Auditório do Jardim Parque dos Poetas em Oeiras. Aí aterrou o Painel Internacional de Astronautas, um ponto alto de cada edição da International Space University- ISU. Participantes do curso e público puderam, então, questionar os astronautas Jeffrey Hoffman e Paolo Nespoli sobre como é viver e trabalhar no espaço.

A International Space University é uma instituição privada sem fins lucrativos, especializada na formação dos futuros líderes da comunidade espacial global. Reconhecida pela França e por várias universidades e agências espaciais como instituto de ensino superior, tem o seu campus central em Estrasburgo. Desde a sua fundação formou já mais de 5000 estudantes de 110 países.

O Programa de Estudos da ISU é promovido pela escola de ciências e tecnologias do Espaço, desde a sua fundação em 1987 e acontece todos os anos num local diferente do mundo. Portugal entra pela primeira vez no mapa da instituição como anfitrião do programa, uma conquista que resulta de uma iniciativa conjunta do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa e da Agência Espacial Portuguesa, ancorada no município de Oeiras onde fica o Taguspark.

Docentes destacados na Escola de Estudos Espaciais 2022

Os seus nomes fazem voar todos aqueles que sonham com o universo: Jeffrey Hoffman, Paolo Nespoli e Yi So-yeon são astronautas e docentes no programa da ISU.

Começamos por Jeffrey Hoffman. O astronauta norte-americano, tem cinco missões espaciais no curriculum e foi responsável pela substituição dos painéis solares do Telescópio Espacial Hubble, em 1993, uma experiência que ganha especial relevância quando cada vez mais se fala da necessidade de reforçar os serviços de reparação em órbita.

Que dizer de Yi So-yeon? A pioneira sul coreana foi a primeira mulher do seu país a ir ao Espaço. Já Paolo Nespoli, astronauta italiano, participou na missão responsável por instalar um dos módulos da Estação Espacial Internacional.

Dos Estados Unidos chega-nos o escritor Michael Benson. Autor do livro “Odisseia no espaço: Stanley Kubrick, Arthur C. Clarke e a criação de uma obra-prima”, partilha no Taguspark todo o seu conhecimento sobre a forma como a ficção condensou o passado da exploração espacial e antecipou muitas das capacidades de exploração cada vez mais autónomas na forma de HAL-9000, o supercomputador que controla a nave.

A lista de docentes destacados da Escola de Estudos Espaciais 2022 não ficaria completa sem os portugueses Rodrigo Ventura e Zita Martins. Ambos ensinam no Técnico e são nomes prestigiados nas suas áreas de expertise. ■

INVESTIMENTO

Residência universitária de 3,6 milhões nasce em Benfica

Ricardo Marques, presidente da Junta de Freguesia de Benfica, revela-nos que a obra deverá estar concluída até final de 2023.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

A Junta de Freguesia de Benfica vai construir e gerir uma residência para 120 estudantes, maioritariamente para bolseiros deslocados ou de mobilidade reduzida, revela Ricardo Marques, presidente da Junta ao JE Universidades. O investimento é superior a 3,6 milhões de euros, tendo o projeto sido alvo de candidatura ao PRR - Plano de Recuperação e Resiliência.

O Alojamento Estudantil de Benfica ficará localizado na zona do Calhariz e enquadra-se no programa de alojamento universitário a custos acessíveis, aumentando em 24% a oferta disponível para estudantes bolseiros deslocados na cidade de Lisboa. Segundo o autarca, a obra deverá estar concluída até dezembro de 2023. Esta candidatura ficou classificada em quarto lugar, em mais de 200 candidaturas a nível nacional, adianta.

Ricardo Marques enfatiza a extrema importância do investimento, tendo em conta a realidade de Benfica, que tem no seu território a sede do Instituto Politécnico de Lisboa, a Escola Superior de Música, a Escola Superior de Educação e a Escola Superior de Comunicação Social, às quais se vai juntar o ISCAL - Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, como o JE Universidades oportunamente noticiou. Em breve estaremos a falar de perto de sete mil estudantes na freguesia.

Segundo Ricardo Marques, a residência terá vários aspetos diferenciadores, estando prevista a cobrança de 17,5% do Indexante dos Apoios Sociais. Apesar de não se tratar de um alojamento pertencente aos Serviços Sociais de uma instituição de ensino superior público, pretende-se reforçar o papel social do promotor e gestor do projeto. Por outro lado, adianta, irá ser disponibilizado um programa de acolhimento ao residente, proporcionado pela Junta de Freguesia e os seus parceiros locais.

O projeto integra áreas distintas como o acesso ao comércio, à saúde, à cultura e ao desporto, bem como o seu entrosamento com agentes de dinamização local, como as associações e clubes locais.

Ricardo Marques explica ainda ao JE Universidades que a residência será “inovadora, amiga do ambiente e de curto tempo de construção”. O terreno onde será implantada tem entrada direta para o Parque Florestal do Monsanto, está servido de transporte e equipamentos, aposta na eficácia energética, na digitalização dos serviços, no conforto habitacional, com espaços de socialização amplos, pensados também para a inclusão de pessoas com mobilidade reduzida e/ou condicionada.

O alojamento universitário é uma dificuldade em todo o país, mas sobretudo nos grandes centros urbanos. A escassa oferta associada aos preços praticados pelo mercado de arrendamento dificulta a vida de quem tem que estudar fora da sua área de residência familiar. Em concreto, no ano letivo de 2020/2021, as instituições de ensino superior públicas e privadas registam, em conjunto, 114.1953 alunos inscritos, dos quais apenas 28.775 são lisboetas.

Considerando que só no ensino público existem 7.318 alunos e que as alternativas ao alojamento estudantil são os privados, a preços incomportáveis em Lisboa, no geral, e em Benfica, em particular, a prioridade para o acesso ao alojamento, será para o público das escolas superiores sediadas na freguesia, adianta o autarca. ■

Benfica tem no seu território a sede do Instituto Politécnico de Lisboa e as Escolas Superiores de Música, de Educação e de Comunicação Social. Em breve terá também o ISCAL

recente observatório da NASA lançado em 25 de dezembro de 2021, recai muita expectativa. Segundo os cientistas vai ajudar-nos a ver o Universo como nunca o vimos e poderá revelar alguns dos primeiros episódios da história da evolução.

“O Webb é capaz de uma ampla gama de observações e abordará todos os tipos de questões em aberto na astrofísica, desde as primeiras galáxias formadas logo após o big bang até as composições químicas das atmosferas dos exoplanetas”, explicam os cientistas. A apresentação de L. Y. Aaron Yung será uma viagem pela jornada de Webb e uma primeira observação das imagens impressionantes enviadas de volta para a Terra.

Esta quinta-feira à noite, na Fábrica da Pólvora de Barcarena vivenciou-se outro acontecimento extraordinário quando o escritor Michael Benson, acompanhado pelo cientista chefe da NASA James Green, contou ao público como a dupla Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke deu ao mundo a obra prima e primeiro grande espetáculo de ficção científica de Hollywood: 2001 A Space Odyssey, ou como dizemos em português — 2001 Odisseia no Espaço.

Preparado num enorme contexto de pesquisas conduzidas com as principais empresas e instituições americanas na vanguarda da Era Espacial, 2001 foi muito mais do que entretenimento, embora tenha-se tornado o filme de maior

INOVAÇÃO

Tecnologia do INESC TEC vai monitorizar doentes com Parkinson

O sistema integra uma aplicação e uma plataforma web e permite monitorizar os pacientes nas suas casas ou em instituições. Está em curso um estudo clínico que envolve o Centro Hospitalar de São João. A comercialização e a internacionalização são da responsabilidade da spinoff InSignals Neurotech.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

É uma novidade. A partir de casa, ou da instituição onde viva, o paciente com Parkinson vai poder monitorizar os sintomas associados à doença e enviar dados, em tempo real, para os profissionais de saúde que o acompanham. Isto será possível graças à iHandUapp, uma solução tecnológica desenvolvida por investigadores do Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores, Tecnologia e Ciência, mais conhecido por INESC TEC.

“O sistema — explica Duarte Dias, coordenador do Centro de Investigação em Engenharia Biomédica do INESC TEC — é composto por uma aplicação móvel híbrida, preparada para funcionar em Android e iOS, através da qual os pacientes conseguem gerir a sua medicação, realizar testes para monitorizar os sintomas associados à doença, e manter os profissionais de saúde informados caso aconteça algum evento relevante”.

Além disso, acrescenta o investigador, o sistema inclui também um ‘dashboard’ especializado para que “os profissionais possam monitorizar o histórico clínico dos utentes, e uma base de dados, alojada na cloud, que disponibiliza informação em tempo real”.

Outro aspecto relevante do iHandUapp é que pode ser conectado com componentes externos, os chamados ‘appcessories’, para



uma melhor monitorização dos sintomas e realização de testes para análise dos sintomas motores dos doentes. Um desses acessórios é o iHandU, um dispositivo também desenvolvido no INESC TEC e que integra uma tecnologia patenteada que permite quantificar a rigidez do pulso, um dos principais sintomas de Parkinson.

“Tivemos recentemente um estudo clínico aprovado pelo Centro Hospitalar Universitário de São João (CHUSJ) que já está em curso e que tem como um dos objetivos iniciar a adoção deste sistema por parte dos médicos e dos pacientes”, adianta fonte do INESC TEC ao JE Universidades. Este estudo clínico ainda é na vertente científica e da

responsabilidade do Instituto em conjunto com o serviço de neurologia do Centro Hospitalar.

O sistema carece de certificação médica, como qualquer sistema do género. “Um processo por vezes longo e que será da responsabilidade da nossa spin-off InSignals Neurotech”, adianta.

Parkinson é uma doença neuro-

Melhorar a saúde das pessoas com doenças neurológicas

A inSignals Neurotech é uma spin-off do INESC TEC, com a Frontier IP Group, empresa britânica especializada na exploração e comercialização da propriedade intelectual dos seus parceiros. A spinoff foi criada em 2019 com o objetivo de fazer chegar ao mercado soluções que apoiem o diagnóstico clínico de doenças neurológicas, como Parkinson e Epilepsia. A empresa explora tecnologias baseadas em microengenharia que melhoram as abordagens terapêuticas ao lidar com patologias neurológicas. O seu primeiro produto é o iHandU, um dispositivo vestível com eletrónica embebida que integra uma tecnologia patenteada que permite quantificar a rigidez do pulso, um dos principais sintomas de Parkinson.

degenerativa que impacta a mobilidade e cuja evolução difere de caso para caso. Estima-se que a doença afete 10 milhões de pessoas em todo o mundo, o que na perspetiva do mercado a atingir é muito significativo. “A InSignals Neurotech está a terminar o processo de planeamento de um estudo clínico multicentro com vários hospitais europeus”, revela a mesma fonte. Adianta ainda que a spin-off está a “trabalhar num plano de expansão para os Estados Unidos”. E neste momento há já algumas conversações em marcha. ■

INVESTIGAÇÃO

UC cria dispositivo que produz energia a partir das ondas

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

Portugal dá mais um passo pioneiro na área das renováveis ao criar um dispositivo que permite converter a energia armazenada nas ondas do mar em energia elétrica. REEFS, acrónimo de Renewable Electric Energy From Sea, nasceu na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra após oito anos de investigação e já está patenteado.

Existe a expectativa de que possa ajudar a impulsionar a energia das ondas, uma fonte alternativa, lim-

pa e renovável, que provém do aproveitamento das ondas marítimas, mas que continua sem conhecer grandes avanços.

O dispositivo será implantado na costa, totalmente submerso e invisível à superfície. “É apoiado em pilares e o resto do fundo do mar fica livre para todo o tipo de processos marinhos”, explica José Lopes de Almeida, que lidera a equipa que integra também Fernando Seabra Santos, Aldina Santiago, Maria Constança Rigueiro e Daniel Oliveira.

“Basicamente — adianta — o que o dispositivo faz é transformar o movimento alternado das ondas



Daniel Oliveira, Aldina Santiago e José Lopes de Almeida

do mar num fluxo de água contínuo no interior do REEFS. Esse fluxo, criado entre a crista e a cava das ondas, pode ser usado para acionar as referidas turbinas mini-hídricas de ultrabaixa queda.”

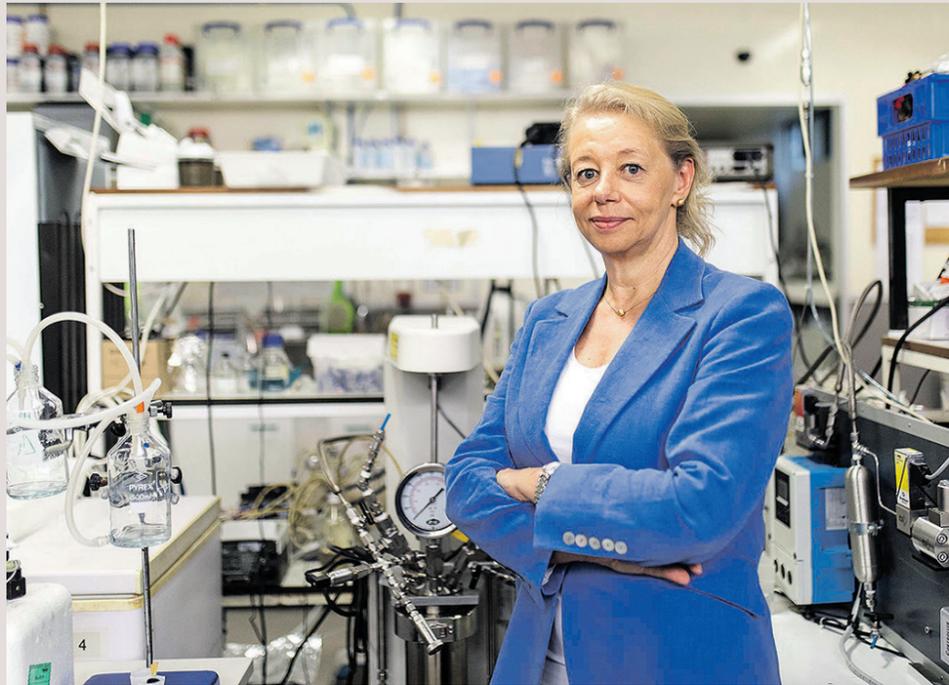
O dispositivo tem de ser otimizado e testado em escalas sucessivamente maiores até ser instalado um projeto piloto no mar. Atualmente, os investigadores procuram financiamento que permita dar esse passo fundamental. E testar, em condições reais, a performance do dispositivo. Só depois, diz José Lopes de Almeida, “podemos passar à fase de comercialização da tecnologia”. ■

FIGURA EM DESTAQUE

Da Universidade do Minho para a liderança da FCT

Madalena Alves é a nova presidente da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Professora catedrática da Universidade do Minho, dirigiu o Centro de Engenharia Biológica e distingue-se pela investigação na área da biotecnologia ambiental. Natural de Viana do Castelo, cidade que em 2016 lhe atribuiu a medalha de cidadã de mérito, formou-se em Engenharia Química pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, fez o mestrado em Engenharia Bioquímica no Instituto Superior Técnico e o doutoramento em Engenharia Química e Biológica na UMinho. Académica distinta, integrou painéis de avaliação de várias organizações internacionais e representou o Estado português no Conselho do Laboratório Ibérico Internacional de Tecnologia (INL). Em 2009, a Universidade Técnica de IASI, na Roménia, atribuiu-lhe o Doutoramento Honoris Causa.

Na semana passada tomou posse como presidente da FCT, onde sucede a Helena Pereira, e prometeu um Conselho Diretivo "atento e interventivo" nos grandes temas atuais. E elencou: o emprego científico, a transição verde e digital, a mudança de paradigma nas práticas de ciência aberta e de avaliação dos cientistas, a igualdade de género, ou a resposta aos grandes desafios societários. "Podem todos contar com uma equipa interdisciplinar, aberta ao diálogo, empática, entusiasta e com uma visão



positiva para um futuro que se ganhará todos os dias", afirmou. O conselho a que preside integra como vice-presidente João Duarte Cordeiro Correia dos Santos e os vogais Amélia Maria Polónia da Silva e António Bob

Moura Santos. Por seu turno, a ministra da Ciência, Elvira Fortunato, considerou que a FCT deverá orientar a sua atuação pelo princípio da confiança, promovendo um Simplex para a Ciência. **AR**

Breves

Moisés de Lemos Martins lança Pensar Portugal



Moisés de Lemos Martins, 69 anos, professor catedrático do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, diretor do Museu Virtual da Lusofonia e presidente honorário da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (Sopcom) lança o livro "Pensar Portugal – A Modernidade de um País Antigo". Com 328 páginas e chancela da UMinho, o livro de ensaios em ciências sociais e humanas está organizado em seis partes. Apresenta e discute Portugal e a sua modernidade entre indefinições e bloqueios, o quotidiano das suas gentes, a sua língua e religião, as vicissitudes da democracia nos séculos XX e XXI, o passado e a memória coloniais, os imaginários europeu e lusófono e, ainda, a universidade e a política científica.

TECNOLOGIA

Alunos do Técnico constroem novo modelo de carro elétrico

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

E vai mais um. Os alunos de Formula Student do Instituto Superior Técnico construíram um novo protótipo do carro de corrida elétrico. O novíssimo FST11 tem estreia anunciada nas pistas da competição Red Bull Ring, que se realiza entre 23 e 28 de julho em Spielberg, na Áustria.

Trata-se do oitavo protótipo elétrico e o segundo com capacidades autónomas. Constituiu, segundo Pedro Oliveira, team leader da equipa FST Lisboa, um dos maiores desafios enfrentados desde o lançamento do projecto do carro há cerca de duas décadas.

"O principal objetivo foi atingir a comunhão perfeita entre os dois modos de condução, de modo que seja possível extrair a performance máxima do protótipo em todo o momento", explica.

O novo protótipo demorou cerca de um ano a desenvolver, está equipado com quatro motores elétricos AC com diferencial eletrónico e atinge 130 km/h. A bateria é composta por células lítio-cobalto com capacidade de 7,6 kWh e a caixa de proteção foi produzida em materiais compósi-



tos. A empresa Celfocus, do grupo Novabase, patrocina o projeto.

O emblemático carro de corrida do Técnico contabiliza já 11 modelos, todos colocados à prova em

torneios internacionais da modalidade. A equipa que desenvolve o projecto, a FST Lisboa, é composta por 54 alunos oriundos de seis cursos diferentes. ■

POLIEMPREENDE 2022

Escova de dentes vence no IPLEiria

Tatiana Padrão, Sara Guerreiro e Carolina Ferreira partilham uma ideia fantástica: criar uma escova de dentes vitalícia. O projecto InBfusion - soluções tecnológicas para a saúde, com que se apresentaram na 18.ª edição do Concurso Regional do Poliemprende do Politécnico de Leiria conquistou o júri e vai agora representar a instituição na final nacional, agendada para setembro, em Beja. O projeto preconiza o desenvolvimento de uma escova de dentes vitalícia através de uma tecnologia inovadora com a utilização de materiais sustentáveis. "A saúde oral quando em desequilíbrio apresenta uma grave ameaça com um elevado impacto socioeconómico. A substituição da escova de dentes deve ser realizada a cada três meses e, tendo em conta a população de Portugal, isto resultaria no desperdício de cerca de 41 milhões de escovas anualmente", fundamentam.



Aluna da U.Porto traz mais uma medalha para Portugal

A ginasta Filipa Martins, aluna de Ciências do Desporto da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, conquistou a medalha de bronze nas barras paralelas assimétricas dos Jogos do Mediterrâneo 2022, em Oran, na Argélia. Na trave, a ginasta obteve o sétimo lugar. O seu desempenho contribuiu para o brilhante quinto lugar conquistado pelo país em equipas.

Cofundador do curso de Arquitetura Paisagista da UAlg distinguido

Fernando Santos Pessoa, cofundador do curso de Arquitetura Paisagista da Universidade do Algarve, onde lecionou dez anos, foi distinguido com o Prémio Gonçalo Ribeiro Telles, Ambiente e Paisagem 2021. O prémio, uma homenagem ao grande arquiteto e humanista, é uma iniciativa conjunta da família Ribeiro Telles, Instituto de Agronomia, Ordem dos Engenheiros, Causa Real, Univ. de Évora e Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas.

ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO

NOVA destaca-se como Universidade Jovem Empreendedora

O Young Entrepreneurial University of the Year foi atribuído este ano pela primeira vez na Europa. A distinguida é a portuguesa Universidade Nova de Lisboa.

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

A NOVA foi galardoadada com o Young Entrepreneurial University of the Year. O prémio concedido pela ACEEU — Accreditation for Entrepreneurial and Engaged Universities, reflete o sucesso do ecossistema de inovação e empreendedorismo da Universidade.

Um ecossistema que Isabel Rocha, vice-reitora para as áreas de Investigação, Inovação e Criação de Valor, retrata em números: 110 startups criadas, um unicórnio que vale mais de 9,5 mil milhões de dólares, a Outsystems, mais de 2500 alunos envolvidos em atividades relacionadas com empreendedorismo e 19 spin-off reconhecidos, que geram mais de 160 empregos.

O prémio, atribuído por um dos principais organismos de acreditação do sector, em Florença, na cerimónia dos Triple E Awards, distingue pela primeira vez na Europa uma instituição de ensino superior pelo seu papel na criação de valor na sociedade, através da inovação.

“A distinção é o resultado de um esforço continuado de ter na NOVA um ecossistema de apoio ao empreendedorismo”, afirma Isabel Rocha ao JE Universidades.

A vice-reitora da Universidade NOVA de Lisboa explica que o ecossistema de inovação e empreendedorismo criado dentro da instituição inclui diversos programas de formação em empreendedorismo para estudantes, investigadores e docentes, programas “hands-on” multi-disciplinares de criação de valor, gabinetes de apoio à criação de valor e programas de incubação que incluem o Madan Parque.

“Mais de 50% dos estudantes de



Isabel Rocha
Vice-Reitora da Universidade NOVA de Lisboa para as áreas de Investigação, Inovação e Criação de Valor

Mestrado da NOVA estão expostos a formação em empreendedorismo (pretendemos chegar aos 100% nos próximos anos) e temos já mais de 100 startups identificadas que surgiram neste ecossistema nos últimos anos”, revela.

Aumentar o impacto social e económico da NOVA é a meta a alcançar. Para lá chegar, trabalha-se em várias vertentes. Isabel Rocha destaca as principais: criação de empresas inovadoras a partir do conhecimento gerado na NOVA, capazes de criar riqueza e emprego qualificado; aumento da incorporação de tecnologia e conhecimento gerado na NOVA em empresas existentes, aumentando a competitividade e escala destas; aumento dos projetos de inovação social dentro e fora da

Universidade, que consigam contribuir para a solução de problemas sociais complexos, tais como os relacionados com a pobreza, desigualdade ou exclusão; e através do aumento de projetos que promovam a sustentabilidade ambiental. Finalmente também, através da participação da Universidade em programas que promovam a comunicação de ciência e de factos baseados em ciência e de suporte à tomada de decisão. “Em todas estas áreas, a NOVA possui já um bom desempenho, mas queremos continuar a melhorar, nomeadamente no que se refere aos projetos de inovação social e ambiental”, afirma a Vice-Reitora para as áreas de Investigação, Inovação e Criação de Valor, de olhos postos no futuro. ■

REFORMA

Atribuição do grau de doutor pelos politécnicos está mais perto

ALMERINDA ROMEIRA
aromeira@jornaleconomico.pt

A pretensão é antiga e está quase a concretizar-se. “O CCISP tem a expectativa de que esteja resolvido o mais rapidamente possível”, disse Maria José Fernandes, presidente do Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos ao JE Universidades.

O Parlamento aprovou, por unanimidade, uma iniciativa legislativa de cidadãos que defende o fim da “limitação legal que impede

os politécnicos de outorgar o grau de doutor” e a possibilidade de “adotar a designação de universidade politécnica em substituição da de instituto politécnico”. Aprovada na generalidade, a iniciativa, baixa à especialidade, onde será a partir de agora afinada na Comissão de Educação e Ciência, composta pelos grupos parlamentares do PS, PSD, CH, IL, PCP e BE.

De acordo com o documento apresentado no Parlamento, cuja comissão representativa inclui o antigo secretário de Estado do Ensino Superior Pedro Lourtie, o ex-presi-



dente do Politécnico de Bragança, Dionísio Gonçalves, e a presidente do IPSetúbal, Ângela Lemos, as duas mudanças previstas “são a afirmação da qualidade e vitalidade do ensino superior português”. O mesmo não pensa o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas. O CRUP critica a proposta e considera que “contém uma contradição insanável. Pretende valorizar o ensino politécnico e manter o sistema binário, mas propõe uma solução que hierarquizará o sistema em universidades de primeira e universidades de segunda”. ■

Breves

Investigadores da UC propõem estratégia para praga da mosca da azeitona



Um estudo da Universidade de Coimbra (UC) avaliou a influência da paisagem na dinâmica da *Bactrocera oleae*, a chamada mosca da azeitona.

A conclusão, publicada no *Journal of Pest Science*, num artigo científico que Daniel Paredes encabeça como autor, é de que quanto mais diversificadas forem as paisagens que rodeiam os olivais menor a abundância de mosca.

A ilação a retirar é lógica. Se a diversificação da paisagem pode reduzir a probabilidade de ocorrência de surtos de pragas e evitar os custos associados à perda de rendimento da cultura, há que promovê-la. A partir de agora, está nas mãos das autoridades usar o conhecimento dos cientistas para melhor planear o território.

IADE desenvolve projeto para potenciar cuidados à maternidade

A Unidade de Investigação em Design e Comunicação da Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia associa-se ao Centro Materno Infantil do Norte. Objetivo? Desenvolver um projeto que visa potenciar os cuidados à maternidade durante as fases de gravidez, parto e pós-parto, através de uma abordagem interdisciplinar do design para a saúde, focada nas pessoas.

Licenciatura de Gestão do Piaget recebe acreditação máxima

A licenciatura em Gestão do Instituto Piaget recebeu a acreditação máxima, pelo período de seis anos, pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES). Segundo João Geraldes, docente e coordenador da licenciatura lecionada no ISEIT de Almada, “a acreditação pelo período máximo concedido é uma forma de reconhecimento do trabalho que toda a equipa docente e estrutura do Instituto Piaget tem realizado nestes últimos cinco anos”.